

FAZER E DIZER CIÊNCIA PARA DESENVOLVER O BRASIL

DOING AND STATING SCIENCE TO DEVELOP BRAZIL

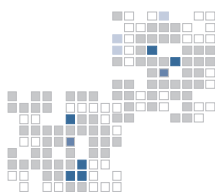
HACER Y DECIR CIENCIA PARA DESARROLLAR BRASIL

Diélen dos Reis Borges Almeida

■ É doutora em Estudos Linguísticos, mestra em Tecnologias, Comunicação e Educação, graduada em Comunicação Social: Jornalismo e em Letras pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Jornalista na Diretoria de Comunicação Social da UFU desde 2013, onde atua como repórter de ciência, podcaster e supervisora de estágio. Vencedora do Prêmio Confap de Ciência, Tecnologia e Inovação 2025 na categoria Profissional de Comunicação. Integrante da Rede Mineira de Comunicação Científica desde 2016 e do Grupo de Pesquisa Laboratório de Estudos Discursivos Foucaultianos desde 2021. Pesquisa divulgação científica e discurso.

■ *Es doctora en Estudios Lingüísticos, máster en Tecnologías, Comunicación y Educación, licenciada en Comunicación Social: Periodismo y Letras por la Universidad Federal de Uberlândia (UFU). Periodista en la Dirección de Comunicación Social de la UFU desde 2013, donde trabaja como reportera científica, podcaster y supervisora de prácticas. Ganadora del Premio Confap de Ciencia, Tecnología e Innovación 2025 en la categoría Profesional de la Comunicación. Miembro de la Red Mineira de Comunicación Científica desde 2016 y del Grupo de Investigación Laboratorio de Estudios Discursivos Foucaultianos desde 2021. Investiga sobre divulgación científica y discurso.*

■ E-mail: dielen@ufu.br



RESUMO

Esta pesquisa investiga a ciência como referencial de discursos produzidos pelos presidentes do Brasil empossados no século XXI, em batimento com enunciados das principais sociedades científicas do país. Situa-se teórica e metodologicamente nos estudos discursivos foucaultianos e relaciona-se à comunicação e percepção pública da ciência. Os discursos analisados constituem a ciência como condição ou meio para se atingir o desenvolvimento do Brasil: ora se fala em desenvolvimento econômico, dentro da racionalidade neoliberal, ora em desenvolvimento social, inclusive para democratização do acesso à ciência.

PALAVRAS-CHAVE: CIÊNCIA; DISCURSO; DESENVOLVIMENTO; BRASIL.

ABSTRACT

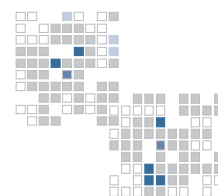
This research investigates science as a reference point for discourses produced by Brazilian presidents inaugurated in the 21st century, in tension with statements from the country's main scientific societies. It is theoretically and methodologically situated in Foucaultian discursive studies and relates to public communication and perception of science. The discourses analyzed consider science as a condition or means for achieving Brazil's development: sometimes economic development, within neoliberal rationality, and sometimes social development, including the democratization of access to science.

KEY WORDS: SCIENCE; DISCOURSE; DEVELOPMENT; BRAZIL.

RESUMEN

Esta investigación indaga en la ciencia como referente en los discursos de los presidentes brasileños que asumieron el poder en el siglo 21, en tensión con las declaraciones de las principales sociedades científicas del país. Se sitúa teórica y metodológicamente en los estudios discursivos foucaultianos y se relaciona con la comunicación y la percepción pública de la ciencia. Los discursos analizados consideran la ciencia como condición o medio para alcanzar el desarrollo de Brasil: a veces desarrollo económico, dentro de la racionalidad neoliberal, y a veces desarrollo social, incluyendo la democratización del acceso a la ciencia.

PALABRAS CLAVE: CIENCIA; DISCURSO; DESARROLLO; BRASIL.



1. Introdução

Este artigo apresenta parte da pesquisa “Cartografia das relações de saber-poder no discurso sobre ciência no Brasil no início do século XXI” (Almeida, 2025), que investiga a ciência construída pela linguagem, como referencial dos enunciados produzidos por pesquisadores, instituições de pesquisa e sociedades científicas; jornalistas e veículos de mídia; autoridades políticas; e sociedade. Situa-se teórica e metodologicamente nos estudos discursivos foucaultianos e relaciona-se às investigações sobre comunicação pública, divulgação e percepção pública da ciência. O *corpus* da pesquisa completa é composto por pronunciamentos políticos, matérias jornalísticas, temas de eventos, ações de comunicação pública, cartazes e postagens em redes sociais, selecionados a partir da função que os enunciados exercem na rede de saber-poder sobre ciência.

Neste texto, foca-se na análise dos pronunciamentos políticos, em batimento com enunciados de sociedades científicas que se ligam ao discurso produzido nesses pronunciamentos, porque constituem a ciência por meio do dizer como condição ou meio para se atingir o desenvolvimento do Brasil. São identificados dois tipos de construções discursivas: ora se fala em desenvolvimento econômico, dentro de uma racionalidade neoliberal, ora em desenvolvimento social, inclusive numa perspectiva de democratização do acesso à ciência.

Os discursos, segundo Foucault (2020, p. 60), são “práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam”. Ou seja, o discurso não se reduz à língua ou ao ato de fala e vai além de um conjunto de signos que designam coisas, porque faz “mais” do que isso, e “é esse ‘mais’ que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever” (Foucault, 2020, p. 60). O enunciado, átomo do discurso, é uma função de existência relacionada

ao sentido dos signos.

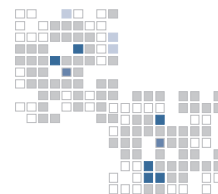
Nesta pesquisa, faz-se uma cartografia, uma estratégia de análise desenvolvida por Deleuze a partir dos eixos metodológicos de Foucault — saber-poder-subjetividade —, que “trata de movimentos, relações, jogos de poder, enfrentamentos entre forças, lutas, jogos de verdade, enunciações, modos de objetivação, de subjetivação, de estetização de si mesmo, práticas de resistência e de liberdade” (Prado Filho & Teti, 2013, p. 47). Assim, a **ciência** é pensada como referencial dos discursos, constituída no próprio dizer, conforme as possibilidades de aparecimento e delimitação.

A ciência, segundo Japiassu (1981), é uma procura metódica do saber, um modo de interpretar a realidade, uma instituição, uma aventura intelectual, um poder exercido sobre as coisas e os seres vivos, mas as condições em que é produzida está imersa em uma atmosfera sócio-política. Na perspectiva foucaultiana (Foucault, 2014 & Deleuze, 2017), as condições de possibilidade histórica permitem um dado tipo de ciência em cada formação histórica.

2. Ciência, economia e neoliberalismo

Todos os presidentes do Brasil empossados no século XXI falaram de ciência como elemento para o desenvolvimento econômico. Para descrever esses acontecimentos do discurso, faz-se a pergunta de Foucault (2020, p. 33): “como apareceu um determinado enunciado, e não outro em seu lugar?” Como é possível que, para falar de ciência, seja preciso falar mais de economia que de educação, cidadania, formação crítica ou democracia? A resposta se sustenta nos conceitos de racionalidade política, governamentalidade e neoliberalismo (Foucault, 2008).

Esses conceitos são retomados, atualizados e historicizados no século XXI por Dardot e Laval (2016, p. 17), sob a tese de que “o neoliberalismo, antes de ser uma ideologia ou



uma política econômica, é em primeiro lugar e fundamentalmente uma racionalidade e, como tal, tende a estruturar e organizar não somente a ação dos governantes, mas até a própria conduta dos governados”. Essa racionalidade neoliberal é constituída por discursos, práticas e dispositivos que generalizam a concorrência como norma de conduta e estabelecem a empresa como modelo de subjetivação, ou seja, cada sujeito é um empresário de si mesmo e concorre com todos os outros.

Em 2002, o Brasil elegeu um governo mais à esquerda que os antecessores, mas que também precisou construir alianças com setores econômicos para viabilizar a vitória no pleito e se manter em exercício. Em 1 de janeiro de 2003, Lula tomou posse como presidente da República e, no pronunciamento na sessão solene, no Congresso Nacional, disse:

Este é um país que pode dar, e vai dar, um verdadeiro salto de qualidade. Este é o país do novo milênio, pela sua potência agrícola, pela sua estrutura urbana e industrial, por sua fantástica biodiversidade, por sua riqueza cultural, por seu amor à natureza, pela sua criatividade, por sua competência intelectual e científica, por seu calor humano, pelo seu amor ao novo e à invenção, mas sobretudo pelos dons e poderes do seu povo (Silva, 2003, grifos nossos).

Ao dizer que o Brasil vai dar “um salto de qualidade” e que é “o país do novo milênio”, registra-se uma mudança de época e que o país vai ocupar, no mundo, um lugar que é melhor. Só é possível dizer isso compreendendo o Brasil em sua historicidade: três séculos de colonização, quatro séculos de escravização, genocídio dos povos originários e, no século XX, décadas de ditadura. E que, no século XXI, está entre os países do Sul Global, em vias de desenvolvimento.

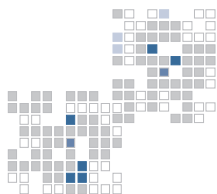
Na área político-científica, em 2001, no governo que antecedeu Lula, o de Fernando Henrique Cardoso, foi realizada a Primeira Conferência Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação, quando se criou o Centro de Gestão de Estudos Estratégicos (CGEE) do então Ministério da Ciência e Tecnologia (Miguel, 2003). Essa viria a ser chamada de segunda conferência, considerando como primeira o Debate Nacional: Ciência e Tecnologia numa Sociedade Democrática, de 1986. A alteração aconteceu quando foi promovida a terceira conferência, em 2005, no governo Lula (Mourão, 2017).

A eleição de Lula é discursivizada em torno da esperança e da potência — “este é um país que pode” — e o que garante que haja essas possibilidades são os seus atributos naturais e culturais. A ciência aparece com a sétima das dez características que o Brasil já tinha para alcançar esse novo regime de saber-poder e ser o país do terceiro milênio.

No segundo mandato, o governo Lula realizou a Quarta Conferência Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação e lançou o Plano de Ação em Ciência, Tecnologia e Inovação (PACTI 2007-2010), com quatro prioridades estratégicas norteadas pela Política Nacional de C,T&I:

- I - Expansão e Consolidação do Sistema Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação;*
- II - Promoção da Inovação Tecnológica nas Empresas;*
- III - Pesquisa, **Desenvolvimento e Inovação** em Áreas Estratégicas; e*
- IV - Ciência, Tecnologia e Inovação para o **Desenvolvimento Social*** (Brasil, 2010, p. 9). (Brasil, 2010).

A análise desse enunciado indica o quanto a ciência é associada ao desenvolvimento, mas também como desenvolvimento econômico e social estão imbricados. Nas prioridades



do PACTI 2007-2010, as empresas aparecem como segundo ponto prioritário, mas o desenvolvimento social também está lá, ainda que na quarta colocação.

A noção de investir em ciência para colher desenvolvimento aparece com ainda mais força nos pronunciamentos de Dilma Rousseff. Em 2011, ao tomar posse pela primeira vez, durante o Compromisso Constitucional perante o Congresso Nacional, ela disse: “Meu Governo apoiará fortemente o **desenvolvimento** científico e tecnológico para o domínio do conhecimento e para a inovação como instrumento fundamental de **produtividade** e **competitividade** do nosso País” (Rousseff, 2011, grifos nossos). Na segunda posse, em 2015, ela disse primeiramente: “Daremos prioridade ao desenvolvimento da ciência, da tecnologia e da inovação, estimulando e fortalecendo **as parcerias entre o setor produtivo** e nossos centros de pesquisa e universidade” (Rousseff, 2015; grifos nossos); e, em outro momento, afirmou: “Vamos continuar apoiando nossas universidades e estimulando sua aproximação com **os setores mais dinâmicos da nossa economia** e da nossa sociedade” (Rousseff, 2015; grifos nossos).

Dilma trata de ciência associada à economia, ao desenvolvimento, à produtividade e à competitividade e essa prática discursiva constitui as ações de seu governo. Em 2011, a Medida Provisória nº 541 alterou o Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT), criado em 1985, para Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) e lhe atribuiu novas competências. A inovação científica pressupõe o desenvolvimento de processos e produtos que satisfaçam necessidades e tenham impacto na vida das pessoas e na economia.

Outra ação de Dilma foi sancionar o Marco Legal da Ciência, Tecnologia e Inovação, por meio da Lei nº 13.243/2016 (Brasil, 2016), e é interessante observar o que ela afirmou nessa

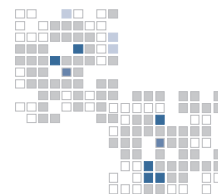
cerimônia: “que a inovação se torne **o motor de nosso desenvolvimento**” (Rousseff, 2016, grifos nossos). No neoliberalismo, a correlação entre ciência e economia, produção e produtividade, por vezes, é mais forte do que com áreas correlatas, como a educação, ainda que o lema do então Governo Federal fosse “Brasil, Pátria Educadora”.

O sucessor de Dilma foi Michel Temer, que até então era vice dela. Após um processo de impeachment/golpe da presidenta, com controversas articulações políticas, jurídicas e midiáticas, Temer foi empossado em 12 de maio de 2016. Em seu primeiro pronunciamento, durante cerimônia de posse dos novos ministros de Estado, Temer (2016) não mencionou o tema ciência. Seu mandato foi marcado por cortes de recursos financeiros para a pesquisa.

Mas, em outras ocasiões, Temer também abordou a ciência como requisito para desenvolver o país, como na cerimônia em que foi lançado o programa de descentralização do financiamento de projetos de inovação, que seria executado pelo então Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTIC):

*Na cerimônia, o presidente Temer disse que o lançamento do programa mostra que **o governo está “colocando o país efetivamente no século XXI”**. “Nesse governo avançamos em vários pontos no âmbito da ciência e tecnologia que nos colocam **ao lado dos países mais desenvolvidos**”* (Temer, 2018; grifos nossos).

Percebe-se como cada presidente batalha pelo crédito de ter sido quem efetivou um novo regime de país em uma época e em relação ao mundo. Lula disse que o Brasil seria o país do “novo milênio” e Temer que seja ele quem está fazendo isso efetivamente, “no século XXI”. Retomando Foucault (2013, p. 136), “estabelecemos discursos



e discutimos, não para chegar à verdade, mas para vencê-la”.

Após Temer, o presidente do Brasil foi Jair Bolsonaro, empossado na Presidência da República em 1 de janeiro de 2019, quando também não falou sobre ciência (Bolsonaro, 2019). Esse foi mais um governo em que as instituições de pesquisa foram atacadas, por declarações e ações, e, ainda, que corroborou o negacionismo científico na pandemia de COVID-19.

Mas, durante a inauguração da primeira linha de pesquisa do superlaboratório Sirius, em Campinas (SP), o então presidente disse: “aqui, realmente podemos buscar a **independência** da nossa nação” (Corrêa, 2020, grifo nosso). Diferentemente de seus antecessores, cujo discurso relacionava o Brasil à economia global, Bolsonaro fala em “independência”, o que é possível em sua posição sujeito de patriota, cujo slogan era “Deus acima de tudo, Brasil acima de todos”.

Candidato à reeleição, Bolsonaro perdeu para Lula, que reassumiu a presidência para seu terceiro mandato em 1 de janeiro de 2023 e voltou a falar de ciência e desenvolvimento em seu terceiro pronunciamento de posse:

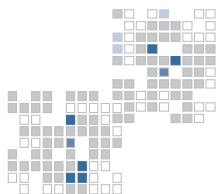
*Caberá ao estado articular a transição digital e trazer a indústria brasileira para o Século XXI, com uma política industrial que apoie a inovação, estimule a **cooperação público-privada**, fortaleça a ciência e a tecnologia e garanta acesso a financiamentos com custos adequados. O futuro pertencerá a quem investir na **indústria do conhecimento**, que será objeto de uma estratégia nacional, planejada em diálogo com o **setor produtivo**, centros de pesquisa e universidades, junto com o Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovação, os bancos públicos, estatais e agências de fomento à pesquisa.* (Silva, 2023, grifos nossos).

Repete-se a ideia de atualizar o país em uma época, ora terceiro milênio, ora século XXI. Aparece a formulação “indústria do conhecimento”, que sublima o sentido de ciência como ingrediente com que se produz o desenvolvimento de um país. Essa produção demanda cooperação público-privada, financiamentos e estratégia nacional e envolve diferentes atores, como setor produtivo, centros de pesquisa, universidades, MCTI, agências de fomento e até bancos. Uma articulação que garantirá um lugar no tempo cronológico: o futuro. Destaca-se a expressão “setor produtivo”, que se refere a empresas, indústrias, agronegócio, como se só fosse produtivo o que movimenta o capital financeiro.

É sempre um devir, como se a ciência nunca tivesse se realizado. O governante precisa sempre se afirmar e dizer que vai ser. E pensando no campo associado (Foucault, 2020), o discurso político sobre ciência se liga ao discurso capitalista e neoliberal; portanto, precisa servir ao mercado, ao material, ao produto, à ideia de retorno financeiro e lucro e, dessa maneira, pressupõe um resultado econômico. Só se pensa em desenvolvimento se a prioridade for econômica. A ciência é pensada como empresa.

Essa ideia de ciência para o desenvolvimento econômico também é discursivamente construída por comunidades científicas, como as que se associam e são representadas pela Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) e a Academia Brasileira de Ciências (ABC). Neste primeiro quarto do século XXI, a SBPC realizou as edições 53^a a 77^a de suas reuniões anuais, com pesquisadores, autoridades e gestores do sistema nacional de ciência e tecnologia. Esses encontros visam a debater políticas públicas em ciência, tecnologia, inovação e educação e divulgar a ciência para a população.

Os temas das primeiras reuniões do século também situam o Brasil no tempo e na geopolítica,



acionando ideias como a de “Nação e diversidade — patrimônio do futuro” (2001) e “Ciência e universidade rompendo fronteiras” (2002). A concepção de “desenvolvimento” aparece nominalmente nos temas “Ciência na fronteira — ética e desenvolvimento” (2004), “Ciência e inovação nas fronteiras da bioeconomia, da diversidade e do desenvolvimento social” (2019), “Ciência, educação e desenvolvimento sustentável para o século XXI” (2020) e “Ciência e democracia para um Brasil justo e desenvolvido” (2023), mas nem sempre o termo aciona o campo econômico, pois se nota também a ideia de desenvolvimento social, que será abordada na próxima seção. Em outras edições, surgem palavras correlatas, como “inovação”, “tecnologia” e “progresso”: “Energia — ambiente — tecnologia” (2008); “Ciência e tecnologia em uma Amazônia sem fronteiras” (2014); “Sustentabilidade, tecnologias e integração social” (2016); “Inovação — diversidade — transformações” (2017) e “Progresso é Ciência em todos os Territórios” (2025) (SBPC, 2025).

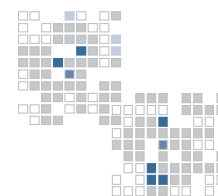
Regularmente, as reuniões da SBPC retomam a temática da sustentabilidade, a ideia de um progresso econômico que, ancorado na ciência, não comprometa os recursos naturais e o futuro da humanidade. O tema de 2019 chega a falar em “bioeconomia” e o de 2024 a propor “um novo contrato social com a natureza”.

A relação entre ciência e desenvolvimento sustentável também foi tema de uma ação da Organização das Nações Unidas (ONU), que declarou 2022 como Ano Internacional das Ciências Básicas para o Desenvolvimento Sustentável. O objetivo foi ressaltar a ligação entre as ciências básicas e os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) (ABC, 2022). E, em 2024, quando é retomada a Conferência Nacional de Ciência, Tecnologia, em

sua quinta edição, o tema proposto é justamente “Ciência, Tecnologia e Inovação para um Brasil **Justo, Sustentável e Desenvolvido**” (Brasil, 2024, grifo nosso).

O discurso sobre sustentabilidade é uma forma de resistência possível diante do desenvolvimento econômico que passa sobre quase tudo como um motor. No entanto, a própria ideia de sustentabilidade pressupõe a manutenção de práticas vigentes, produtivas e direcionadas ao mercado e ao consumo. O discurso de sustentabilidade, não raro, constitui enunciados de empresas e grandes conglomerados, produzindo um funcionamento de comprometimento para com o social e o meio ambiente.

Quanto à ABC, o site da associação disponibiliza os temas das Reuniões Magnas a partir de 2012. A palavra “desenvolvimento” é ainda mais presente, aparecendo nos temas “Ciência para o desenvolvimento sustentável” (2012), “Desenvolvimento científico-tecnológico: rumo a novos patamares” (2013), “Objetivos do Desenvolvimento Sustentável” (2019) e “Ciência Básica para o desenvolvimento sustentável” (2023) (ABC, 2025). A ABC também lançou, em 2017, um projeto com o título “Ciência Gera Desenvolvimento”, para veicular vídeos curtos que mostram “como a ciência pode ser traduzida em benefícios palpáveis para todo um país” (ABC, 2017). A associação escreve ainda que o objetivo maior é “conscientizar a população em geral sobre o valor — sobretudo financeiro — que o investimento em produção científica pode oferecer a toda a sociedade” (ABC, 2017). São enunciados que mantêm a repetibilidade de ciência utilitária e discursivizada como mercadoria, mas também são formas de resistência, porque assim podem entrar na ordem do discurso.



3. Ciência, educação e desenvolvimento social

A ciência como produção de interesse público é outro discurso que circula no Brasil no século XXI. Na esfera política presidencial, Lula e Dilma produziram enunciados sobre ciência que defendem a necessidade de se democratizar o acesso a ela, o que inclui ações afirmativas na área de educação.

No pronunciamento de posse de Lula, em 1 de janeiro de 2007, que dá início ao seu segundo mandato, ele diz:

*O Brasil assistirá dentro de dez ou quinze anos o surgimento de uma nova geração de intelectuais, cientistas, técnicos e artistas originários das camadas pobres da população. Este foi sempre o nosso propósito: **democratizar** não só a renda, mas também o **conhecimento e o poder**.* (Silva, 2007, grifos nossos).

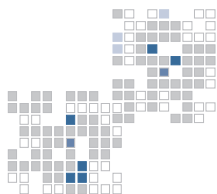
Na posse de 2003, Lula havia abordado mais renda e economia, mas, em 2007, após ter governado o país por quatro anos e ter sido reeleito, há condições para dizer que suas políticas visam (e já visavam desde antes) a incluir a população mais pobre não apenas no acesso aos bens econômicos, mas também ao conhecimento e ao poder. Também houve, no primeiro mandato, medidas voltadas para a ciência, como a instituição anual da Semana Nacional de Ciência e Tecnologia (SNCT). E, logo no início do segundo mandato de Lula, o Decreto Presidencial n.º 6.096/2007 instituiu o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), onde é desenvolvida grande parte da pesquisa científica no Brasil.

É possível chamar a geração de intelectuais e cientistas que estará se formando de “nova” porque, historicamente, o ensino superior no

Brasil foi predominantemente acessado pelas classes sociais mais altas, tanto que, em 2012, durante o governo Dilma, foi sancionada a Lei n.º 12.711/2012, conhecida como Lei de Cotas, que reserva vagas nas instituições federais de educação superior a pessoas pobres, pretas, pardas, indígenas e com deficiência (Brasil, 2012). Essa lei é um acontecimento discursivo, porque rearranja a ordem dos saberes, promove novos exercícios de poderes e, portanto, desencadeia ou reconfigura práticas sociais. O estatuto do acontecimento discursivo “pode ser definido como sendo as relações dos enunciados entre si, as relações entre grupos de enunciados e as relações entre enunciado ou grupos de enunciados e acontecimentos de outra ordem” (Navarro-Barbosa, 2004, p. 112). No caso da Lei de Cotas, trata-se de um fruto das lutas nos movimentos sociais.

Nos pronunciamentos de Dilma sobre ciência também aparece fortemente outro programa, o Ciência Sem Fronteiras, criado em 2011, durante seu primeiro mandato, com o objetivo de incentivar a formação acadêmica no exterior, por meio da concessão de bolsas e outros incentivos. Durante a posse do segundo mandato, em 1 de janeiro de 2015, Dilma disse: “vamos continuar apoiando nossas universidades” e “o Ciência Sem Fronteiras vai continuar garantindo bolsas de estudo nas melhores universidades do mundo para 100 mil jovens brasileiros” (Rousseff, 2015). Quando anunciou a segunda etapa do programa, em 25 de junho de 2014, em seu segundo mandato, Dilma afirmou:

*Esse é um programa feito para garantir ao Brasil condições de gerar aqui inovação, **aumentar o interesse** pelas ciências exatas e a aplicação de tecnologia em todas as áreas. [...] **Essas bolsas têm papel importante** para os estudantes de graduação. Mostram os processos mais avançados existentes no*



mundo no que se refere ao estudo. Ao Ciência sem Fronteiras não importa a origem ou classe social da pessoa. Se ela se esforçou, pode participar do Ciência sem Fronteiras. Para fazer jus ao programa, há um critério meritocrático. (Rousseff apud Passarinho, 2014, grifos nossos).

A menção ao Ciência sem Fronteiras também é bastante atrelada à ideia de desenvolvimento econômico abordada na seção anterior. Dilma associa o Ciência sem Fronteiras à meritocracia, dizendo que para participar do programa “não importa a origem ou classe social da pessoa”, entretanto, historicamente, não é raro que jovens de classe média alta e de classe alta participem de intercâmbios no exterior sustentados por suas famílias, diferentemente de jovens de classes sociais mais pobres, para os quais a bolsa paga pelo governo é imprescindível para a experiência no exterior.

A partir do que é dito pela então presidenta, que “há um critério meritocrático”, que depende do “esforço” individual, depreende-se que as políticas públicas também têm sua implantação condicionada à lógica neoliberal de competição entre os indivíduos, de modo que nem a educação ou o desenvolvimento social escapam dessa racionalidade discursiva. Até a educação é transformada em mercadoria e as instituições de ensino se moldam às necessidades do capitalismo (Laval, 2019).

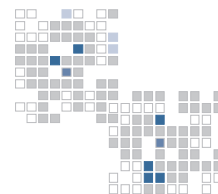
Nas Reuniões Magnas da ABC não há temas que abordem diretamente o debate sobre desenvolvimento social, embora as questões sociais possam ter transpassado outros temas, por exemplo, o do encontro de 2020, sendo sobre “O mundo a partir da COVID-19” (ABC, 2025). A defesa do interesse público na produção científica é mais recorrente nos temas das Reuniões Anuais da SBPC. Em enunciados como “Educação, ciência e tecnologia para

inclusão social” (2003) e “Ciência, cultura e saberes tradicionais para enfrentar a pobreza” (2012), o uso da preposição “para” explicita a noção de finalidade da ciência e áreas afins: promover a inclusão social e enfrentar a pobreza. Em outras edições, palavras e expressões da ordem da inclusão ou do desenvolvimento social são listadas: “Sustentabilidade, tecnologias e integração social” (2016), “Inovação — diversidade — transformações” (2017) e “Ciência, responsabilidade social e soberania ” (2018) (SBPC, 2025), de modo que os conectivos estabelecem uniões entre as partes.

4. Considerações finais

Na perspectiva dos estudos discursivos foucaultianos, a ciência se constitui como fruto das relações de saber e poder, de modo que as condições de possibilidade permitem um dado tipo de ciência em cada formação histórica. Essas relações envolvem, sobretudo, forças econômicas, que se constituem fortemente na racionalidade neoliberal, a qual generaliza a concorrência como norma de conduta e estabelece a empresa como modelo de subjetivação, da qual não escapam pesquisadores nem estudantes. Imbricadas com as forças econômicas estão as políticas, pois o Estado tem papel fundamental para o funcionamento da racionalidade neoliberal da economia capitalista. Ademais, devido à forma como funciona a pesquisa científica no Brasil, dependente do financiamento estatal, o interesse público do fazer e dizer científico acaba envolto no jogo de disputas político-econômicas. O mesmo neoliberalismo que vai capturando a ciência também pode ser uma ameaça de desmonte da sua estrutura.

Há uma formação discursiva sobre ciência no Brasil que a coloca como meio e condição para se chegar ao desenvolvimento do país, seja econômico e/ou social. Até mesmo os discursos mais progressistas precisam se converter à



lógica do capital para que pesquisadores tenham condições de trabalhar. Entre governantes, é sempre um dever: a cada mandato, é preciso dizer que “agora” o desenvolvimento científico e tecnológico vai acontecer.

O discurso político sobre ciência se liga ao discurso capitalista e neoliberal, ao mercado, ao lucro, de tal modo que a ciência tem que servir para alguma coisa. No desenvolvimento científico, a prioridade é econômica. A ciência

é pensada como empresa e discursivamente se constroem ideias de qual ciência merece ou não receber financiamento, ou seja, qual é a ciência de verdade. Os próprios cientistas acabam imersos na lógica produtivista de entrega de resultados. Nessa rede discursiva, enunciados sobre desenvolvimento social, e por vezes o sustentável, por mais que precisem da repetibilidade da ideia de desenvolver, acabam sendo resistências ao imperativo econômico.

Referências

ABC. Academia Brasileira de Ciências. (2017). *Ciência gera desenvolvimento*. Recuperado: 15 out. 2024, de <http://www.abc.org.br/nacional/divulgacao-cientifica/ciencia-gera-desenvolvimento/>.

ABC. Academia Brasileira de Ciências. (2022). *Ano Internacional das Ciências Básicas para o Desenvolvimento Sustentável*. Recuperado: 26 abr. 2024, de

<https://www.abc.org.br/nacional/cooperacoes/parcerias-com-outras-instituicoes/ano-internacional-das-ciencias-basicas-para-o-desenvolvimento-sustentavel/>.

ABC. Academia Brasileira de Ciências. (2025). *Reunião Magna*. Recuperado: 31 mar. 2024, de https://www.abc.org.br/tipo_evento/reuniao-magna/.

ALMEIDA, D. R. B. (2025). *Cartografia das relações de saber-poder no discurso sobre ciência no Brasil no início do século 21* (Tese inédita de doutorado). Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia. Recuperado: 16 jul. 2025, de <http://doi.org/10.14393/ufu.te.2025.32>.

Bolsonaro, J. (2019, janeiro 1). *Discurso do Presidente da República, Jair Bolsonaro, durante cerimônia de posse no Congresso Nacional*. Brasília: Biblioteca da Presidência da República. Recuperado: 20 set. 2023, de <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/bolsonaro/discursos/discurso-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-durante-cerimonia-de-posse-no-congresso-nacional>.

Brasil. (2012). *Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012*. Brasília. Recuperado: 31 out. 2023, de https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm.

Brasil. (2016). *Lei nº 13.243, de 11 de janeiro de 2016*. Brasília. Recuperado: 14 out. 2024, de https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2016/Lei/L13243.htm.

Brasil. Ministério da Ciência e Tecnologia. (2010). *Plano de ação em ciência, tecnologia e inovação: principais resultados e avanços 2007–2010*. Recuperado: 15 out. 2024, de

https://repositorio.mcti.gov.br/bitstream/mctic/5059/1/2010_plano_acao_ciencia_tecnologia.

Brasil. Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação. (2024). *5ª Conferência Nacional de C, T & I*. Brasília. Recuperado: 15 out. 2024, de https://www.gov.br/mcti/pt-br/centrais-de-conteudo/v-conferencia_nacional_de_cti.

Corrêa, M. (2020, outubro 21). *Maior projeto da ciência brasileira para pesquisa começa a funcionar oficialmente*. Serviços e Informações do Brasil. Campinas. Recuperado: 25 set. 2023, de <https://www.gov.br/pt-br/noticias/educacao-e-pesquisa/2020/10/maior-projeto-da-ciencia-brasileira-para-pesquisa-comeca-a-funcionar-oficialmente>.

Dardot, P., & Laval, C. (2016). *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Boitempo.

Deleuze, G. (2017). *Michel Foucault: as formações históricas*. São Paulo: Editora Filosófica Politeia.

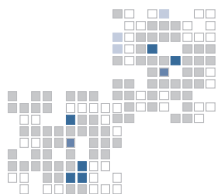
Foucault, M. (2020). *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária.

Foucault, M. (2014). *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola.

Foucault, M. (2013). *A verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro: Nau.

Foucault, M. (2008). *Nascimento da biopolítica: curso dado no Collège de France (1978–1979)*. Martins Fontes.

Japiassu, H. (1981). *O mito da neutralidade científica*. Rio de Janeiro: Imago Editora.



- Laval, C. (2019). *A escola não é uma empresa: o neoliberalismo em ataque ao ensino público*. São Paulo: Boitempo.
- Mourão, V. L. A. (2017). As convenções das políticas de ciência, tecnologia e inovação no Brasil: do Estado Empreendedor à crise do Estado Facilitador. *Sinais: Revista de Ciências Sociais*, 21(1). Recuperado: 15 out. 2024, de <https://doi.org/10.25067/s.v1i21.16034>.
- Navarro-Barbosa, P. (2004). O acontecimento discursivo e construção da identidade na História. V. Sargentini & P. Navarro-Barbosa (Orgs.), *M. Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder, subjetividade* (pp. 97–130). São Carlos: Claraluz.
- Passarinho, N. (2014, junho 25). Dilma anuncia 100 mil bolsas para 2ª etapa do Ciência sem Fronteiras. *GI*. Brasília. Recuperado: 25 set. 2023, de <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2014/06/dilma-anuncia-100-mil-bolsas-para-2-etapa-do-ciencia-sem-fronteiras.html>.
- Prado Filho, K., & Teti, M. M. (2013). A cartografia como método para as ciências humanas e sociais. *Barbaroi* (38), 45–49. Santa Cruz do Sul. Recuperado: 21 jan. 2025, de https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0104-65782013000100004&script=sci_abstract.
- Rousseff, D. (2011, janeiro 1). *Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante Compromisso Constitucional perante o Congresso Nacional*. Brasília: Biblioteca da Presidência da República. Recuperado: 24 set. 2023, de <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/discursos/discursos-da-presidenta/discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-compromisso-constitucional-perante-o-congresso-nacional>.
- Rousseff, D. (2015, janeiro 1). *Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante Compromisso Constitucional perante o Congresso Nacional*. Brasília: Biblioteca da Presidência da República. Recuperado: 20 set. 2023, de <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/discursos/discursos-da-presidenta/discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-compromisso-constitucional-perante-o-congresso-nacional-1>.
- Rousseff, D. (2016, janeiro 11). *Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante a cerimônia de sanção do Marco Legal da Ciência, Tecnologia e Inovação e lançamento da Chamada Universal*. Brasília: Biblioteca da Presidência da República. Recuperado: 20 set. 2023, de <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/discursos/discursos-da-presidenta/discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-a-cerimonia-de-sancao-do-marco-legal-da-ciencia-tecnologia-e-inovacao-e-lancamento-da-chamada-universal-brasil-2016>.
- SBPC. Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. (2025). *Reuniões anuais*. Recuperado: 25 dez. 2024, de <http://portal.sbpnet.org.br/eventos/tipo/reunioes-anuais/>.
- Silva, L. I. L. da. (2003, janeiro 1). *Pronunciamento do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na sessão solene de posse no Congresso Nacional*. Brasília: Biblioteca da Presidência da República. Recuperado: 20 set. 2023, de <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/luiz-inacio-lula-da-silva/discursos/1o-mandato/2003/01-01-pronunciamento-a-nacao-do-presidente-da-republica-luiz-inacio-lula-da-silva-apos-a-cerimonia-de-posse.pdf/view>.
- Silva, L. I. L. da. (2023, janeiro 6). *Discurso do presidente Lula no Congresso Nacional*. Brasília: Biblioteca da Presidência da República. Recuperado: 20 set. 2023, de <https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/discursos-e-pronunciamentos/2023/discurso-do-presidente-lula-no-congresso-nacional>.
- Temer, M. (2016, maio 12). *Discurso do Presidente da República, Michel Temer, durante cerimônia de posse dos novos ministros de Estado - Palácio do Planalto*. Brasília: Biblioteca da Presidência da República. Recuperado: 20 set. 2023, de <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/michel-temer/discursos-do-presidente-da-republica/discurso-do-presidente-da-republica-michel-temer-durante-cerimonia-de-posse-dos-novos-ministros-de-estado-palacio-do-planalto>.
- Temer: Avanços na ciência e tecnologia colocam país ao lado de desenvolvidos. (2018, setembro 27). *Correio Braziliense*. Brasília. Recuperado: 20 set. 2023, de <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2018/09/27/interna-brasil,708630/temer-avancos-na-ciencia-e-tecnologia-colocam-pais-ao-lado-de-desenvo.shtml>.

Artigo enviado em 18/07/2025 e aceito em 02/12/2025.

